

A HUMANIDADE DE JECA TATU – por Luís da Câmara Cascudo

Por mais que se declare e se prove a homogeneidade do tipo brasileiro, salta-nos à vista, para cada cidade o seu caráter próprio e especiais maneiras de ver e de observar. Debalde, em literatura e desenho temos lutado para consolidar as linhas físico-psíquicas do brasileiro. Em desenho aparece no Brasil a cópia do Zé Povinho de Bordallo Pinheiro com adaptações em casacas e tangas, correndo a escala entre o *clubmen* e o moruquixaba.

Em literatura é aquilo que Alencar escreveu com passagens transitórias em Bernardo Guimarães e Manoel de Macedo. Monteiro Lobato encarnou a sua observação numa idéia feliz, e na porta de um buraco lóbrego e esconso Jeca Tatu “magina” com o cigarro de palha nos beiços delgados, os fios raros da barba na face esverdeada e fosca, olhando a mata, sentado nos calcanhares. Apareceu a fogosa oposição dos Jecas em transição evolutiva. Criou-se o Mané Chique-Chique, esgaldado, escanifrado, cavalgando um cavalo raquítico, de ancas a furar a pele, contando aos pulos e às reviravoltas proezas e façanhas guerreiras, com o chapéu de couro desabado, *metido a duro*, de faca à cinta, garrucha ao quarto, cigarro à boca. Quase imediatamente apareceu o Jeca Leão, com um fulgor que lhe dá o seu papá Rocha Pombo. Surgem livros, lutam e discutem, e Jeca coça a cabeça admirado de ser de um momento para outro, célebre. Mesmo o Dr. Raul Azedo, com doces provas de forte erudição, provou que Jeca Tatu era um forte, o cigarro de palha, um mito, o cachorro, e a “maginação” apoiada entre calcâneos e glúteos, infrutífera. Jeca forte, Jeca sábio, eu conheço muitos, porém só ousou apresentar o General Rondon. Jeca na porta do casebre, sentado no calcanhar, sugando a terra, ociosa e triste, é peculiar a peculiar a todo o norte do Brasil. Mané Chique-Chique é comum nas feiras sertanejas. Pelo exposto pode-se prever que esses tipos criados são típicos representantes duma grei numerosa e conhecida. Não quer dizer que o sertanejo, lutando contra os elementos, arrastando as longas caminhadas sob um sol de fogo, entrando destemido nas matas amazônicas, seja literalmente um Jeca Tatu. Porém, quem viaja e quem vê pelo sertão o fatalismo sertanejo, a limitação da sua agricultura, a instintiva desconfiança pela civilização, a sua habitual indolência que o faz esquecer a rude lição das cenas e nada enceleirar nos anos de inverno, a sua palestra, a sua ignorância política, enfim, os remédios populares, a ingênua credence dos curandeiros e das *meizinhas* verá a imensa verdade das páginas vivas do “Urupês”. Anos antes do Jeca ser criado já os vagos contornos do conto estavam esboçados no “Terra do Sol” de Gustavo Barroso. Durante a seca deste ano, os sertanejos descrevem a uma da utilidade dos trabalhos encetados porque *“seca e castigo vem do céu quando Deus, nosso Senhor manda”*, aí está humanamente parafraseado o *“não paga a pena”* do Jeca Tatu. Que tenham paciência, Jeca é humano e vive. Não é preciso estender a generalidade do tipo a todo brasileiro, porém Jeca conservador das velhas tradições, Jeca nômade, desconfiado, levando o incêndio a uma floresta para destocar meio palmo de mato, Jeca usando da prodigiosa fecundidade da terra como refúgio natural à sua indolência, existe, “magina” e é nosso contemporâneo.

E é grata a verdade que Jeca Tatu mesmo de cócoras, com o cão magro à porta, a prole doentia, a casa enlameada, o cigarro apagado atrás da orelha, votando sem saber em quem, crendo em tudo, com o tamborete de três pernas e a viola tristonha levanta onde está o gonfalon vistoso de uma variante à energia brasileira, respeitada e seguida por uma boa porcentagem dos que habitam e são filhos da “ditosa pátria minha amada”.

Luís da Câmara Cascudo
(A Imprensa – Natal)

FONTE: Revista do Brasil, Ano V, v. 15, n. 57 p. 84-85, Setembro 1920.

Acervo do Instituto Câmara Cascudo – Ludovicus